

**RELATOS DA PESTE EM VIRGÍLIO, *GEÓRGICAS III*, E  
LUCRÉCIO, *DE RERUM NATURA VI***

**NARRATIVES OF PEST IN VIRGIL, *GEORGICS III*, AND  
LUCRETIUS, *DE RERUM NATURA VI***

**MATHEUS TREVIZAM**

FALE-UFGM

matheustrevizam2000@yahoo.com.br

**Resumo**

Dois relatos sobre catastróficas epidemias destacam-se na literatura romana. São eles o relato da Peste de Atenas ao fim do sexto livro do *De rerum natura* (*DRN*) de Lucrécio e o da Peste Nórica ao fim do terceiro livro das *Geórgicas* de Virgílio. Nosso intento, neste artigo, será apresentar de forma comparativa o aspecto da sintomatologia nesses relatos dos dois autores, considerando o frequente diálogo de Virgílio com Lucrécio na passagem citada.

**Palavras-chave:** *De rerum natura VI*; *Geórgicas III*; Peste; relato; recursos poéticos.

**Abstract**

Two reports about catastrophic epidemics stand out in Roman literature. These are the report of the Athenian Plague at the end of the sixth book of Lucretius's *De rerum natura* (*DRN*) and the Noric Plague at the end of the third book of Virgil's *Georgics*. It will be our aim in this article to present, comparatively, aspects of symptomatology in the reports of both authors, considering Virgil's frequent dialogue with Lucretius in the passage mentioned.

**Keywords:** *De rerum natura VI*; *Georgics III*; Plague; report; poetic media.

## **I. Apresentação da questão e breves considerações sobre as funções dos relatos das Pestes em *DRN VI* e *Geórgicas III***

Posicionar-nos comparativamente sobre os relatos da Peste em Lucrécio (*DRN VI*, 1138-1286) e em Virgílio (*Geórgicas III*, 474-566) implica, primeiramente, em nos perguntarmos sobre o *papel* de cada narrativa nos específicos contextos em que se inserem. Referimo-nos, com isso, à busca de alguma resposta para a questão do motivo pelo qual um ou outro poeta se decidiu por dedicar razoável quantia de versos à descrição do quadro da Peste de Atenas ou da Peste Nórica em suas respectivas obras, tendo em vista a *função* a que destinaram tais relatos na economia interna dos poemas em pauta.

Por outro lado, falar na contextual *função* de tais relatos significa procurar estabelecer elos entre tais partes do *DRN* ou das *Geórgicas* e o entorno compositivo maior, esse identificado, em última instância, com a própria tessitura do *todo* desses poemas. Para o oferecimento de coordenadas sobre tal aspecto em Lucrécio, não será vão lembrar que o *DRN* se estrutura, do ponto de vista dos conteúdos, segundo uma forma de disposição *crescente* dos pares de livros: o livro I, assim, inicia a exposição da física epicurista apresentando as doutrinas equivalentes desde o princípio, ou seja, já a partir da proposição da existência dos átomos; no livro II, por sua vez, prossegue a exposição lucreciana em pequena escala, pois os tópicos cobertos na correspondente parte da obra dizem respeito a pontos igualmente “microscópicos”, como as várias propriedades atômicas (movimento, forma, quantidade na natureza...).

O mesmo não se dá exatamente com os livros III e IV, já que, neste caso, adentram-se assuntos do tipo da constituição material (ou atômica) da alma – livro III – e do funcionamento “psicológico” e físico da maquinaria humana (como enxergamos, como se dá o mecanismo do despertar da sede e da fome, como surgem as sensações eróticas...) – livro IV –, de maneira incompatível com a focalização do mundo em tão pequenas dimensões quanto no par anterior. Por sua vez, os livros de número V e VI também nos fazem divisar elementos e fatores operantes no universo em (muito) maiores proporções, considerando o fato de corresponder o primeiro deste último par a uma espécie de panorama da história natural de nosso planeta, bem como da própria civilização, e o derradeiro a uma descrição de vários fenômenos “meteorológicos” (tempestades, formação do arco-íris...) ou telúricos (terremotos, erupções

vulcânicas...), a qual, enfim, vem desembocar no próprio relato da Peste de Atenas.

Ora, ainda importa considerar, neste geral andamento construtivo da obra do muito diminuto (o funcionamento atômico) para o muito grandioso (a própria movimentação das forças cósmicas em larga escala), que as precisas “digressões” do início e fim do poema se revestem de sentidos em nada negligenciáveis. Como sabemos, o *DRN* é iniciado pelo controverso “Hino a Vênus” (I, 1-43), em que abundam luminosas imagens de fertilidade e vida, como a da entrada primaveril da deusa no mundo, a da instigação do desejo em todos os seres vivos por força de sua benéfica influência ou mesmo a de seus poderes no tocante ao apaziguamento da guerra, naquele contexto personificada pela figura de Marte enamorado. Trata-se, portanto, de uma “digressão” de todo bem ambientada aos começos de uma obra que se constrói, bem o vimos, em analogia com os ritmos de surgimento/concepção e gradativo crescimento dos seres vivos...

Isso significa, quando focalizamos a peculiar inserção do relato da Peste de Atenas bem ao fim do *conjunto* dos livros do *DRN*, que o quadro de doença, irremediável degradação física e morte ali esboçado já apresenta a função de contrabalançar, à maneira de um “fecho” esperado do ciclo vital de *todos*, as imagens de fertilidade e alegria do inaugural “Hino a Vênus”. Ainda importa afinar nossa percepção a respeito do papel, ou função, da narrativa da Peste neste autor didático antigo através da consideração de aqui nos vermos diante de um texto de todo comprometido com fins filosóficos, bem como, supostamente, de salvação de uma humanidade relegada às trevas por causa de sua própria ignorância.

Como observou Monica Gale, em uma sua obra introdutória ao *DRN*, a inserção de tão terrível narrativa justo ao fecho desta obra, cuja leitura deveria, em princípio, contribuir para a libertação e apaziguamento das dores e medos da humanidade, justifica-se pela razão “pedagógica” de ter o poeta desejado oferecer a seus leitores uma espécie de visão do “inferno” epicurista, em que, decerto, jamais desejariam viver.<sup>1</sup> Explica-se porque, apesar de os atenienses, na difícil ocasião descrita pelo poeta, não poderem evitar os

---

1 Gale 2003: 40: “There may also be another sense in which the plague balances the hymn to Venus. If the goddess acts as a personification of Epicurean pleasure, the plague-victims are – in a sense – in Epicurean hell, not so much because of their physical suffering (which is real but unavoidable) as because of the mental torment they endure owing to their fear of death”.

sofrimentos físicos da experimentação da Peste, dada a geral e irresistível difusão do contágio sobre todos, os homens eventualmente instruídos nos arcanos do epicurismo decerto saberiam aceitar tal destino de padecimento e morte ao menos entendendo que os males humanos não correspondem a castigos de deuses irados,<sup>2</sup> e que morrer não significa, em si, um sofrimento.<sup>3</sup>

Alguns eventos descritos por Lucrécio no relato da Peste, entretanto, apontam para a intensificação das dores das vítimas a que ataca, além do mal físico, o da compreensão errônea da vida: enquadra-se nesta descrição a tétrica cena dos doentes que, para escaparem à morte, chegavam a decepar partes atingidas de seus corpos como os pés, as mãos, os olhos e os genitais (v. 1208-1211), assim infligindo a si próprios dores e limitações bem mais graves que os supostos danos advindos da resoluto experimentação da morte.

Dessa maneira, depois das *confiantes* lições de Lucrécio, que chega a equiparar Epicuro a um “deus” (V, 8) pelo alcance e altos préstimos de suas descobertas para nossa espécie, encerra-se o poema em contraste, de forma muito *negativa*, mas também capaz, pelo choque, de afastar os entendedores do epicurismo de tantos males advindos de modos de pensar “inferiores”, porque diversos daquele ensinado pelo mestre. Quanto aos aspectos funcionais do relato da Peste Nórica em *Geórgicas* III, deve-se propor que esta parte do poema se insere em uma tentativa de estabelecer contrastes com certos elementos encontrados na outra metade do par constituído pelos dois derradeiros livros da obra, ou seja, o próprio livro IV. Então, apesar de o livro III e o IV do mesmo texto constituírem a parte “animal” do “poema da terra” de Virgílio, por oposição aos dois “vegetais” do início, encontram-se entre um e outro divergências cabais, como o caráter fortemente gregário e assexuado das abelhas na subdivisão final da obra, algo impensável para o próprio livro III (Trevizam 2013: 275).

---

2 Gale 2003: 44: “The subtext of Books 1-3 becomes explicit in 3.830, with the triumphant declaration that ‘death is nothing to us’; in Books 4-6, the poet ‘go[es] on to free the tight bonds of religion’ (4.6-7) by demonstrating how all the operations of the human and natural world can be explained without recourse to notions of divine intervention”.

3 Corrêa 2008: 88: “Todavia, na antiga filosofia a forma mais conhecida e propagada de negação da morte é a expressa pelo filósofo Epicuro (341-270 a.C.), que aconselhava aos seus seguidores tomar distância da morte, desse ‘nome vazio de significação’. Sua conclusão acerca da morte, o mais terrificante dos males, não pode ser outra senão que ela não tem nenhuma relação conosco, pois, ‘quando a morte existe, nós não mais existimos’. Segundo Epicuro, o pensamento da morte não suscita em nós nenhum afeto, nenhum sentimento – nem de dor, nem de prazer –, e por isso para o sábio a morte não tem nenhum interesse”.

Ainda, do mesmo modo que o livro III se acaba em morte e destruição de bandos de animais na província transalpina do *Noricum*, igualmente ocorre em *Geórgicas* IV, bem se lembram os leitores, a aniquilação dos enxames de abelhas de Aristeu, mítico apicultor e filho de Apolo, implicado de forma indireta na perda de Eurídice por Orfeu e, assim, punido com semelhante prejuízo. Entretanto, o livro IV não se conclui com o mesmo tétrico fim do relato da Peste Nórica do terceiro, pois, desta vez, a condução de um eficaz rito purificador por Aristeu logra livrá-lo do ódio dos *manes* (“almas”) de Orfeu e Eurídice: assim, cessa de todo o castigo que viera sofrendo, sobre seus enxames, desde o momento de seu erro passional.

Nesse sentido, do ponto de vista da situação prática dos criadores de animais – os nóricos e seus rebanhos do livro III, *versus* Aristeu e as abelhas do livro IV –, o sucesso dessa última personagem, apesar dos momentâneos revezes por que passa, acaba por estabelecer uma espécie de “revanche” ao fim da obra inteira, como se uma conduta de novo pautada pela reta observância dos princípios de vida caros ao campesinato romano (trabalho assíduo, respeito à moralidade e à religião, fuga a excessivos arroubos passionais e anseios demasiado atinentes a isolados indivíduos...) fosse a resposta do poeta para os desequilíbrios enfrentados pelos rústicos do livro anterior.<sup>4</sup> Não devemos, contudo, levar a extremos a vigência de tal leitura “otimista”, como se o poeta de corpo e alma endossasse ideologias dominantes sem a manifestação de proximidade ou empatia alguma (Trevizam 2009: 75) também com os vencidos, como o próprio Orfeu.<sup>5</sup>

## II. Exame comparativo de algumas partes ou elementos constitutivos de ambas as narrativas epidemiológicas

Já um olhar inicial para os dois relatos de Pestes, o virgiliano e o de Lucrécio, revela que muito há de comum entre os dois autores, dado,

---

4 Conte 1983: 30: “In quanto eroe agricolo, Aristeo è il modello stesso del perfetto contadino, rappresentazione conclusiva di un insegnamento che il poeta ha dispensato nel corso dei quattro libri del poema; ma appare egli stesso contadino che deve essere istruito perché imparando – al pari di ognuno dei destinatari contemplati dalle parole del poeta – possa vincere la sua lotta quotidiana”.

5 Otis 1995: 200-203: “Orpheus’ love, his power of song and his *furor* (or fatal inability to control his love) are not isolated in static vignettes but are dramatically set against each other in temporal succession: his love motivates the song which moves Hell; then his *furor* makes tragedy out of both his love and his power of song”.

inclusive, o sabido aproveitamento de material desse predecessor por Virgílio.<sup>6</sup> Assim, busca-se, em um e outro entorno compositivo, apontar com maior ou menor precisão para as causas de males tão pungentes,<sup>7</sup> ocorrem descrições sintomatológicas,<sup>8</sup> fala-se de inversões da ordem natural ou humana por conta da gravidade dos abalos suscitados pelas epidemias,<sup>9</sup> toca-se em pormenores que se poderiam considerar extremos de morbidez...<sup>10</sup>

Entretanto, selecionando para comentário o aspecto da sintomatologia da(s) Peste(s), como desenvolvido em Lucrécio ou Virgílio, e, em absoluto, sem o exame da questão sob o ponto de vista de sua objetiva veracidade científica – ou, ao menos, relativa adaptação aos saberes médicos ou veterinários antigos –, notam-se certas *diferenças* entre os dois poetas. A mais evidente delas diz respeito a que Lucrécio tenha dedicado um número de versos maior a este tema do que depois faria Virgílio,<sup>11</sup> disso também resultando um mais pronunciado detalhamento descritivo no primeiro autor: na verdade, depois de uma inicial abordagem do assunto no intervalo entre v. 1145 e v. 1176, torna-se em seguida a ele em *DRN* VI, 1182-1195, em v. 1199-1207 e em v. 1213-1214. Na primeira ocasião, trata-se, propriamente, de elencar os principais efeitos da doença sobre os seres humanos, em um período *prévio* ao efetivo processo de morrer: entre eles, incluem-se os ardores na cabeça e nos olhos (v. 1145-1146), as hemorragias, feridas ou outras alterações morfológico-funcionais na garganta e na língua (v. 1147-1150), o movimento descendente do mal das vias aéreas para o peito (v. 1151-1153), a emanção de um hálito pestilento pelas vítimas, agravando-se o quadro e produzindo-se, com forte angústia, queixas misturadas com

---

6 Gale 2000: 17: “I will argue – to return to one of the questions with which I began – that Lucretius is the most important participant in this intertextual dialogue, in the sense that the *DRN* is the text most frequently evoked and subjected to the closest scrutiny through the poem; but this emphasis should not be taken as excluding the possibility of other readings”.

7 Em *DRN*, o tratamento das causas da Peste de Atenas é um pouco anterior ao efetivo início do relato deste episódio de raízes históricas, encontrando-se em VI, 1090-1137; ele se vincula, ali, a desordens de fundo atmosférico. Nas *Geórgicas*, temos em III, 478-481 a apresentação, na verdade bastante breve e vaga, de questões afins.

8 Vejam-se comentários no próprio texto, a seguir.

9 *DRN* VI, 1278-1286 e *Geórgicas* III, 537-547.

10 *DRN* VI, 1208-1212 e *Geórgicas* IV, 514.

11 West 2007: 75 (sobre a extensão, *como um todo*, da descrição da peste de Atenas de v. 1138 a 1286 do livro VI do *DRN*). Por outro lado, o excuro da Peste Nórica estende-se de v. 474 a 566 do livro III das *Geórgicas*.

gemido (v. 1154-1159) e incessantes soluços, que acabavam por abalar os nervos e oprimir os membros (v. 1160-1162)...

Sequencialmente, Lucrécio já adentra, em v. 1182-1195, o subtópico dos sinais da morte, aí se encontrando, por exemplo, a manifestação de tristes expressões nos sobrolhos, a produção de zumbidos auditivos, suores na região do colo e a emissão de um muco amarelado pelas vias respiratórias. Entre os versos 1196 e 1198, na verdade, o poeta interrompe brevemente suas considerações sintomatológicas para falar da chegada da morte ao oitavo ou, no máximo, nono dia. Logo em seguida, o intervalo de v. 1199-1207 mostra o que sucedia àqueles que, julgando-se felizes, tinham escapado da morte após o enfrentamento da fase evolutiva anterior, então se dando a abertura de chagas sobre a pele, defluxos intestinais e perda de sangue pelas narinas. Finalmente, entre v. 1213 e 1214, o poeta apresenta o que nos parecem corresponder aos últimos efeitos da Peste sobre tais doentes, pois então comenta o completo esquecimento de todas as coisas, até de si, por aqueles em estágio terminal.

O exame da mesma questão no livro III das *Geórgicas* virgilianas revela-nos, por sua vez, suas peculiaridades. De início, em princípio tratamos, aqui, de uma sintomatologia aplicável aos *animais*, domésticos ou agrestes, que se infectaram na região do *Noricum*. Esses logo manifestaram, assim, uma sede ardente, seguida da abundante produção de fluido corporal, o qual lhes “dissolvia os ossos” (*ossa... trahebat*, v. 485):

*Nec uia mortis erat simplex; sed ubi ignea uenis  
omnibus acta sitis miseris adduxerat artus,  
rursus abundabat fluidus liquor omniaque in se  
ossa minutatim morbo conlapsa trahebat.*<sup>12</sup>

485

Em específico comentário a esta passagem do livro III das *Geórgicas*, David West notou que alguns elementos da sintomatologia virgiliana, à diferença de Lucrécio, antes parecem apontar para intentos de reforço poético de ideias que para um verdadeiro desejo de documentar clínica e exaustivamente a doença. Então, essa descrição, construída à maneira da imediata abundância de humores em uma fase posterior a tamanha *secura*

---

12 *Geórgicas* III, 482-485: “E o caminho da morte não era um só, mas, quando a sede ígnea, infiltrada em todas as veias, extenuara os membros, novamente um humor fluido manava e arrastava consigo os ossos pouco a pouco dissolvidos pela doença” (todas as traduções das *Geórgicas* de Virgílio neste artigo são de nossa responsabilidade).

física, corresponderia, sobretudo, a uma estratégia retórica de mostrar os dois eventos em destacada *antítese* (West 2007: 79). Ademais, observa, as duas únicas etapas em que o poeta resume acima a progressão da doença de seus inícios ao fim das vítimas soam-lhe, por um lado, demasiadamente simplificadoras (West 2007: 77) e, por outro, bastante dramáticas, sobretudo porque a efetiva resolução do mal envolve nada menos que o *colapso ósseo* dos animais atingidos, como se o fluido corporal emanado na segunda fase os “carregasse” consigo.

Ainda, desenvolve West, podem-se atribuir tais efeitos virgilianos de simples bipartição das etapas da Peste Nórica a uma espécie de sucinta operação alusiva a vários sintomas que Lucrécio já mencionara, e que se identificavam, em algumas ocasiões, com o campo semântico do calor/seco ou da umidade (West 2007: 79). Por outro lado, o crítico entende que a fantasiosa imagem dos ossos em liquefação dos animais deve algo a um detalhe antes esboçado por Lucrécio em v. 1209-1211, e que se identifica com as mutilações – de mãos, pés, olhos e genitais – suportadas pelos atenienses mais temerosos de enfrentar a morte, como tentativa extrema de sobrevivência; afinal, isso também se inseria em um entorno lucreciano de sintomatologia “úmida” (como os defluxos intestinais e a hemorragia pelo nariz, v. 1200 e 1203), e obviamente implicava na perda de partes físicas.<sup>13</sup>

Virgílio parece, nos versos posteriores a esses, tornar mais ao tópico sintomatológico da Peste. Em v. 494-514, assim se expressa o autor:

*Hinc laetis uituli uolgo moriuntur in herbis  
et dulcis animas plena ad praeseptia reddunt; 495  
hinc canibus blandis rabies uenit et quatit aegros  
tussis anhela sues ac faucibus angit obesis.  
Labitur infelix studiorum atque immemor herbae  
uictor equos fontisque auertitur et pede terram  
crebra ferit; demissae aures, incertus ibidem 500  
sudor et ille quidem morituris frigidus; aret  
pellis et ad tactum tractanti dura resistit.  
Haec ante exitium primis dant signa diebus.*

---

13 West 2007: 79: “All of these details are clinically credible, but not, as we argued, what Virgil made of them, that the bones should gradually dissolve into the fluid. Now, however, the Virgilian idea of dissolving bones becomes explicable. It is a bold and general picture inspired by the loss of foot and hand in Lucretius. It is as though Virgil is supposing that the loss of the extremities means that their bones are dissolved in noxious fluid”.

*Sin in processu coepit crudescere morbus,  
tum uero ardentem oculi atque attractus ab alto* 505  
*spiritus, interdum gemitu grauis, imaque longo  
ilia singultu tendunt, it naribus ater  
sanguis, et obsessas fauces premit aspera lingua.  
Profuit inserto latices infundere cornu  
Lenaeos, ea uisa salus morientibus una;* 510  
*mox erat hoc ipsum exitio, furiisque reffecti  
ardebant, ipsique suos iam morte sub aegra  
(di meliora piis, erroremque hostibus illum!)  
discissos nudis laniabant dentibus artus.* <sup>14</sup>

Fala-se, nesse excerto, da “raiva” (*rabies*, v. 496) que vem aos “cães mansos” (*canibus blandis*, v. 496), bem como de uma “tosse ofegante” que “sacode porcos/ doentes e os sufoca com a garganta inchada” (*quatit aegros/ tussis anhela sues ac faucibus angit obesis*, v. 496-497). Note-se, até este ponto, a criação de mais uma antítese em tal quadro sintomatológico virgiliano, pois se fazem “raivosos” “mansos” cães (West 2007: 80). Em termos das evocações da grande passagem dos sinais da Peste em Lucrécio (*DRN* VI, 1145-1214), que de novo se farão com alguma frequência nos versos citados aqui, a disposição das palavras em *faucibus angit obesis* não fica sem dever algo a *fauces intrinsecus atrae* (v. 1147) do predecessor, também ocorrendo que, ali, esse sintoma não era, propriamente, anunciador do óbito iminente.<sup>15</sup>

---

14 *Geórgicas* III, 494-514: “Daí os bezerros morrem por toda a parte, na relva alegre, e entregam o doce alento junto de estábulos cheios; daí vem a raiva aos cães mansos, uma tosse ofegante sacode porcos doentes e os sufoca com a garganta inchada. O cavalo vencedor cambaleia sem sucesso nos esforços e esquecido da erva, evita as fontes e golpeia repetidamente a terra com o pé; as orelhas caídas, um suor equívoco ali mesmo, mas ele frio, decerto, nos que estão para morrer; a pele desseca-se e resiste endurecida ao toque de quem apalpa. Dão esses sinais nos primeiros dias antes de morrer: mas, se a doença começou a ficar mais violenta com o avanço, então de fato os olhos ficam ardentes e o fôlego é tomado do fundo, pesando às vezes com um gemido; estiram a parte inferior do flanco com um longo suspiro, segue o sangue escuro às narinas e a língua áspera pressiona a garganta inchada. Foi bom derramar os sumos de Leneu com chifres inseridos: pareceu a única salvação para os que morriam. Logo, porém, isso mesmo era o que os destruía, inflamavam-se em fúria reanimados e eles próprios, já em presença da morte aflitiva (dêem os deuses coisas melhores aos bons e aos inimigos aquele delírio!), laceravam só com os dentes seus membros rasgados”.

15 Sobre a parte anatômica da garganta, veja-se ainda *DRN* VI, 1147: *Sudabant etiam fauces intrinsecus atrae* – “Por dentro, a garganta negra suava sangue” (trad. Agostinho da Silva).

Depois, entre v. 498 e 502, já se focalizam os sintomas do mal sobre a estirpe equina (*equos*, v. 499), o que por si vem a confirmar a espantosa extensão da Peste Nórica sobre todas as espécies atingidas, pois esse tipo animal fora explicitamente antecedido, no rol das vítimas, pelas referências a “bezerros” (*uituli*, v. 494), cães e porcos, como vimos. Então, os cavalos dos nóricos manifestavam em seus corpos o próprio padecimento com “as orelhas caídas” e “um suor equívoco ali mesmo, mas ele *frio*, decerto, nos que estão para morrer; a *pele* desseca-se e resiste *endurecida* ao toque de quem apalpa” (*demissae aures, incertus ibidem/ sudor et ille quidem moriturus frigidus; aret/ pellis et ad tactum tractanti dura resistit.* – v. 500-502).

Ora, tais sintomas ou elementos também se encontravam, de algum modo, internamente ao trecho lucreciano aludido, pois aquele poeta falara em “ouvidos cheios de barulhos” (*plenaque sonoribus aures*, v. 1185), em um “claro líquido do suor que umedecia o colo” (*sudorisque madens per collum splendidus umor*, v. 1187), em um “frio que, aos poucos, em subir pelos pés/ não hesitava” (*a pedibusque minutatim succedere frigus/ non dubitabat*, v. 1191-1192) e em uma “pele fria/ e dura” (*frigida pellis/ duraque*, v. 1194-1195); a esse respeito, é forçoso notar que até a ordem de apresentação dos aspectos “ecoados” por Virgílio respeita a original disposição lucreciana, apesar das evidentes modificações nos detalhes de seu novo emprego e do fato, desta feita, de na verdade divisarmos nas *Geórgicas* especializados efeitos da doença sobre *cavalos*, não sobre humanos, segundo dissemos. Em Lucrécio, ainda, esses elementos que acabamos de referir se encaixavam em um entorno evolutivo da Peste ateniense no qual eram signos do próximo avanço da morte, como comprova a menção, por tal predecessor didático de Virgílio, aos oito ou nove dias como prazo máximo de vida para a maior parte das vítimas já em v. 1197.

Não é o que se dá na passagem virgiliana, uma vez que, notamos, apenas em v. 503 esse outro autor introduz o tópico do agravamento da doença. A observação dessa particularidade compositiva no trecho em questão de *Geórgicas* III já basta para comprovar-nos que, nele, Virgílio parece ter-se *adiantado* em relação às fases da progressão sintomatológica em Lucrécio, pois se serve dos “mesmos” indícios do mal previamente utilizados pelo autor imitado, contudo fazendo-os surgirem *antes* dos efetivos prelúdios do fim. Tal efeito decerto se deve à simplificação poética a que o mantuano submete o material retomado de Lucrécio, em cuja obra, como sabemos, não faltam a “*secura*” de um texto minuciosamente filosófico, cujos propósitos essenciais dizem

respeito não ao agrado das suscetibilidades do público, mas à tentativa de apresentar, com o maior rigor e eficácia possíveis, a visão de mundo epicurista, até quando isso resulta em um certo “peso” expositivo,<sup>16</sup> neste caso perceptível pelo acúmulo de detalhes “clínicos”. Em contrapartida, um mais “alexandrino”<sup>17</sup> Virgílio repete, nos versos sob nosso presente foco de análise, o exato padrão de descrever o andamento da Peste Nórica em apenas *duas* etapas básicas – aqui, origem e platô de experimentação dos sintomas *versus* agravamento às vésperas da morte –, algo que já fizera quando, ao introduzir a seção sintomatológica de seu texto, falara por alto em uma fase “seca” e em outra “úmida”, nesta sequência, antes do término da vida dos indivíduos afetados (v. 482-485).

Os sinais do mal em fase mais adiantada, em Virgílio, incluem a presença de “olhos *ardentes*” (*ardentes oculi*, v. 505), de um “*fôlego*” que “é tomado do fundo,/ pesando às vezes com um *gemido*” (*attractus ab alto/ spiritus, interdum gemitu grauis*, v. 505-506), de um estiramento “da parte inferior do flanco, com um longo *suspiro*” (*imaque longo/ ilia singultu tendunt*, v. 506-507), de um “*sangue* escuro” que “segue às narinas” (*it naribus ater/ sanguis*, v. 507-508) e de uma “língua áspera”, que “pressiona a garganta inchada” (*obsessas fauces premit aspera lingua*, v. 508). Depois, entre v. 509 e 514, o poeta trata de uma tentativa desesperada de conter o avanço da doença sobre os indivíduos, a qual se identifica com verter (nas bocas dos cavalos) os “sumos de Leneu com chifres inseridos” (*inserto latices infundere cornu/ Leneos*, v. 509-510), todavia ocorrendo que, apesar dos resultados inicialmente animadores, esse “remédio” mesmo acabava por precipitar o fim sob a forma de uma última e horrenda manifestação mórbida [*ipsique suos iam morte sub aegra/ (...) discissos nudis laniabant dentibus artus* – “eles mesmos, já em presença da morte aflitiva/ (...) laceravam só com os dentes seus membros rasgados”, v. 512-514]. Esse derradeiro acréscimo da sintomatologia virgiliana não nos parece invalidar o que temos dito sobre a preferência desse autor por dividir as etapas da Peste Nórica em *duas*,

---

16 Perutelli 2010: 303: “O discurso de Lucrécio é fortemente didático: afirma-o ele próprio, e numa famosa comparação lhe representa a essência do proceder evocando a imagem do remédio amargo oferecido num copo adocicado com mel para torná-lo suportável aos juvenzinhos (I, 936 ss = IV, II ss.)”.

17 Wilkinson 1997: 202-203: “On the other hand epithets in the *Georgics* are rarely striking or recherché, unless the geographical and mythological can so be called. These seem to be introduced in order *angustis... addere rebus honorem*. Occasionally they are simply ‘learned’ in the Alexandrian manner, for example ‘Hellespontic’ Priapus”.

pois evidentemente se trata de algo que apenas ocorreria com os animais submetidos à malograda forma de tratamento citada, com recurso ao vinho.

Também nos interessa, sobre o intervalo de *Geórgicas* III, 503-514, primeiramente notar que, como dissemos em outras circunstâncias, aqui continua a dar-se a retomada, com transformações, de elementos da descrição lucreciana da Peste de Atenas. Assim, o ardor ocular, mencionado mais explicitamente por Lucrécio em v. 1180-1181 (*ardentia morbis/ lumina*, “olhos ardentes pelas doenças”), também já se encontrava, de algum modo, expresso em *DRN* VI, 1146 (*duplices oculos suffusa luce rubentis*, “duplos olhos avermelhados com difuso brilho”); o gemido fora mencionado pelo predecessor de Virgílio em v. 1159 (*gemitu commixta querela*, “queixas misturadas com gemido”), bem como o “suspiro”, em v. 1160 (*singultusque frequens*, “e um amiudado suspiro”). Enfim, a hemorragia nasal, explicamos, foi um tema de Lucrécio no intervalo entre v. 1199-1207 (*corruptus sanguis expletis naribus ibat*, “o sangue corrompido seguia às narinas cheias”).

De novo constatamos o mesmo padrão virgiliano de ecoar elementos de Lucrécio com contextuais mudanças, mas quase sempre os dispendo na ordem<sup>18</sup> em que apareceram na fonte original. Por outro lado, é fundamental notarmos que, exceto a hemorragia nasal,<sup>19</sup> todos os outros sintomas tinham sido elencados pelo poeta de *DRN* no que consideramos a *primeira* fase da progressão da Peste de Atenas, embora passem a integrar nas *Geórgicas*, bem se vê, justo a *segunda* – e última – etapa progressiva da Peste Nórica sobre a espécie equina. Em contrapartida, quando *iniciou* a menção aos *primeiros* sintomas do mal sobre os cavalos a partir de v. 498, explicamos que Virgílio preferira servir-se de material lucreciano oriundo de uma etapa mais *adiantada* do avanço da Peste ateniense, o que aponta claramente para deliberados esforços seus não só de rearranjo dos componentes epidemiológicos do *DRN* de que se serve para compor o próprio relato, mas, ainda, de *invertê-los*.

---

18 Para alguns elementos desta passagem virgiliana, se desejarmos ser mais exatos, ocorre, na verdade, quebra da ordem de ocorrência quando os comparamos com o trecho de Lucrécio de que parecem ter derivado. Assim, (*ater*) *sanguis et obsessas fauces premit aspera lingua* (v. 508) do *fim* da segunda fase do trecho sintomatológico aplicado aos cavalos em *Geórgicas* III pode ser visto como retomada dos versos 1147-1151 do livro VI do *DRN* de Lucrécio, parte que *não* se encontrava, esclarecemos, ao final da passagem desse predecessor em geral ecoada para compor tais versos de Virgílio (v. 1145-1162).

19 Mas, internamente à primeira fase dos sintomas em Lucrécio, já se tratara de uma hemorragia, todavia gutural (v. 1147 do livro VI), veja-se acima nota 15.

Como último aspecto a ser comentado no desfecho da Peste sobre os equinos em *Geórgicas* III, mencionamos o detalhe da intervenção do “eu-poético” em v. 513 (*di meliora piis, erroremque hostibus illum!* – “dêem os deuses coisas melhores aos bons e aos inimigos aquele delírio!”), pois a interpretamos como um signo concreto do posicionamento empático de Virgílio diante do terrível quadro que descreve: tudo se passa, neste trecho, como se o poeta interrompesse o fluxo apenas descritivo do relato para, então, manifestar algo da própria “subjetividade”, a saber, um voto de esconjuro diante da repulsa que sente ele mesmo<sup>20</sup> no confronto com os macabros efeitos apresentados em seguida. Em oposição, no trecho do relato lucreciano compreendido entre v. 1145 e 1214, nada há de semelhante a esse “transbordamento” afetivo, antes se dando uma detalhada, organizada, sucessivamente progressiva, visual e *distanciada* narrativa de eventos...

Segundo comentários de West (West 2007: 82) e Mynors (Virgil 2003: 255),<sup>21</sup> também, a próxima passagem de *Geórgicas* III que consideramos em algum nexos com este aspecto temático dos sintomas das doenças – v. 515-530 – encontra certos paralelos não no livro VI do *De rerum natura*, mas no livro II (v. 361-363) da obra de Lucrécio:

<i>Ecce autem duro fumans sub uomere taurus</i>	515
<i>concidit et mixtum spumis uomit ore cruorem</i>	
<i>extremosque ciet gemitus. It tristis arator</i>	
<i>maerentem abiungens fraterna morte iuuentum</i>	
<i>atque opere in medio defixa reliquit aratra.</i>	
<i>Non umbrae altorum nemorum, non mollia possunt</i>	520
<i>prata mouere animum, non qui per saxa uolutus</i>	
<i>purior electro campum petit amnis; at ima</i>	
<i>soluuntur latera, atque oculos stupor urget inertis</i>	
<i>ad terramque fluit deuexo pondere ceruix.</i>	
<i>Quid labor aut benefacta iuuant? Quid uomere terras</i>	525
<i>inuertisse grauis? Atqui non Massica Bacchi</i>	
<i>munera, non illis epulae nocuere repostae:</i>	
<i>frondibus et uictu pascuntur simplicis herbae;</i>	

---

20 Na verdade, dificilmente seria defensável que o “próprio” Virgílio expressa diretamente suas opiniões e sentimentos no poema, pois a voz poética é mediada, neste texto, pela figura convencional do *magister* didático, característica de todas as obras desta categoria de composição (Toohey 2010: 4).

21 Referimo-nos, aqui, ao comentário das *Geórgicas* organizado por R. A. B. Mynors e publicado pela Universidade de Oxford em 2003 (1990 para a primeira edição).

*pocula sunt fontes liquidi atque exercita cursu  
flumina, nec somnos abrumpit cura salubris.*<sup>22</sup>

530

O trecho acima, julgamos, compõe uma espécie de “vinheta” narrativa de caráter bastante imagético, a qual se põe, por sua particularidade, como que à parte do relato geral da Peste Nórica. Ela, porém, contribui para ilustrá-lo através da exploração *patética* de detalhes.

Na verdade, esta cena apresenta ao leitor o desgostoso espetáculo da morte de um animal dos mais caros e úteis ao *agricola*, o boi de arado: os costumes dos camponeses gregos e romanos, com efeito, bem como eventuais leis desses povos, parecem por vezes ter atribuído a semelhante tipo de gado uma condição próxima da humana.<sup>23</sup> Assim, não seria despropositado ver aqui, por tal motivo, grande identificação entre os dois novilhos do relato e o próprio homem que os conduz na tarefa de cultivo da terra, como se, de fato, suas dores e labutas acabassem por igualar-se.

Isso intensifica, evidentemente, a impressão de horror despertada sobre nós quando se passa a ler o que ocorre já a partir do início do trecho, e se vincula a ter espirado um novilho depois de “resfolegar” – v. 515 – e pôr, pela boca, “sangue misturado à espuma” – v. 516. Trata-se, ainda, de uma morte que se dá, para aumento da carga dramática de sua abordagem, em plena operação de trabalho agrário da junta de bovinos focalizada,

---

22 *Geórgicas* III, 515-530: “Mas eis que o touro resfolegando sob o arado duro tomba, põe pela boca sangue misturado à espuma e dá o último suspiro. Quem ara triste vai desjungindo o bezerro a chorar a morte do irmão, e em meio ao trabalho deixa o arado imóvel. Não os podem reanimar as sombras dos altos bosques, nem os prados suaves, nem o rio que, rolando pelas pedras, busca o campo mais puro do que o âmbar; mas solta-se a parte inferior dos flancos, o estupor persegue os olhos inertes e a nuca se espalha no chão com a descida do peso. De que adiantam o esforço ou os serviços? De que ter revolvido terras pesadas com o arado? E não os perderam os dons mássicos de Baco, nem os banquetes renovados: nutrem-se com folhas e com o alimento da relva pobre, suas bebidas são as fontes límpidas e os rios agitados pelo curso, nem os cuidados interrompem sonos salutareis”.

23 Morgan 1999: 109: “We find numerous references in ancient texts to a pre-eminence among domestic animals attributed to the ox which is such as to accord oxen a status almost equivalent to humans. According to Varro (*Rust.* 2.5.3; cf. Columella 6 praef. 7), killing an ox had in the past been a capital offence. The ox was the *socius hominum in rustico opera*, ‘the partner of mankind in agricultural work’, and as such equivalent to, and as inviolable as, a human fellow-worker. Similarly, Pliny the Elder cites a case where a man who killed an ox, his *socium... laboris agrisque culturae*, ‘partner in work and agriculture’, had been punished just as if he had killed his farm-labourer (HN 8.180; cf. Val. Max. 8.1 *damnat*). Ovid also has Pythagoras make much of this close relationship between man and ox (*Met.* 15.120-42)”.

da qual um dos componentes corresponde àquele que logo tomba, por padecer da doença do gado nórico. De v. 520 a v. 522, na continuidade de apresentação da cena, Virgílio explica, segundo se nota pelo trecho transcrito, que a influência dessa Peste sobre os animais atingidos faz com que, estranhamente, passem a evitar mesmo elementos da vida rústica que antes os atraíam, a exemplo das “sombras do altos bosques” – v. 520 –, dos “prados suaves” – v. 520-521 – e do “rio que, rolando pelas pedras, busca o campo mais puro do que o âmbar” – v. 521-522.

De v. 522 a v. 524, seguem-se novos sintomas a vitimarem aqueles comprometidos pela doença, pois aí se diz que “solta-se a parte inferior dos flancos, o estupor persegue os olhos inertes e a nuca se espalha no chão com a descida do peso”, fazendo-nos pensar em uma espécie de paralisia de várias partes físicas, na iminência da morte. O enfoque patético, porém, a que aludimos não cessa com tais dizeres de caráter patológico, mas continua de v. 525 para o fim do trecho, quando Virgílio enfatiza o *absurdo* da recaída do mal sobre animais como os bois de arado, cuja existência quotidiana *não* é pautada pela inércia ou inutilidade, *nem* pela falta de esforços físicos, *nem* por abusos de vinho ou de comida: em vez disso, “nutrem-se com folhas e com o alimento da relva pobre, suas bebidas são as fontes límpidas e os rios agitados pelo curso” (v. 528-530). Ora, trata-se, ao fim, de elementos vitais de grande modéstia e estrita necessidade, como se o poeta tivesse desejado mostrar que os bois, por se aproximarem da proverbial frugalidade do agricultor romano, nada têm de vicioso no quesito alimentar. Além disso, como o *agricola* que se irmana a eles, passam a vida em meio a tarefas penosas, embora dignificantes e de essencial utilidade para o sustento comum, o que se comprova não apenas pelo dito há pouco, mas ainda no preciso término do trecho (v. 530), quando se fala de sons não interrompidos por preocupações, como que correspondendo a pausas necessárias diante de tão contínuos labores. Ainda convém acrescentar à caracterização “camponesa” dos mesmos animais, em relação a esse pormenor do sono tranquilo, que ele provavelmente alude à simplicidade de espírito dos que disso desfrutam, pois aqueles pouco dados a grandes ambições também não deveriam sofrer em demasia com cuidados...

Ora, a passagem de Lucrécio que acima anunciamos como trecho relacionável a este diz respeito à “vinheta” da vaca aflita pelo desaparecimento do próprio filhote, que se tomou com brutalidade para servir de oferenda sangrenta a algum deus, em algum rito “despropositado”, segundo as ideias do poeta. É conhecido, com efeito, que o epicurismo, do qual esse poeta latino se fez

apaixonado divulgador em Roma com a escrita de sua única obra, jamais poderia alinhar-se por inteiro com as crenças tradicionais dos seguidores das religiões pagãs, a terem nos entes antropomórficos do Panteão olímpico seus objetos de culto: sem descrer do divino,<sup>24</sup> os seguidores desta “escola” atribuíam existência perfeita e retirada aos entes supremos nos *intermundia*, do que resultava a entrega do mecanismo regente de cada planeta às meras leis da física.

Nesse sentido, a composição e contextual encaixe da cena lucreciana em pauta desempenham papel de crítica aos “males” da religião dos gregos e romanos da Antiguidade, pois, se os deuses de nada cuidam ou participam no mundo, não haveriam de sentir-se tocados por preces, promessas, votos e sacrifícios, por mais sangrentos que fossem. Em contrapartida, as chances de alguns comportamentos instigados pela religião tradicional resvalarem em injustos sofrimentos – como o próprio temor do castigo divino, ou, no caso aqui comentado, a dor instintiva da novilha ao ser privada do filhote – são muitos, decididamente recomendando que o sábio epicurista se afaste deles e, até, demonstre claro desdém diante de semelhantes atitudes.<sup>25</sup>

Com fins de proposição de mais precisos paralelos com o trecho virgiliano que transcrevemos há pouco, parece-nos bem apresentar na íntegra o entorno em que se inserem os três versos de Lucrécio “ecoados”:

*Nec tenerae salices atque herbae rore uigentes  
fluminaque illa queunt summis labentia ripis  
oblectare animum subitamque auertere curam,  
nec uitulorum aliae species per pabula laeta  
deriuare queunt animum curaque leuare: 365  
usque adeo quiddam proprium notumque requirit.*<sup>26</sup>

---

24 Hadot 1999: 180-181: “Poder-se-ia pensar, com alguma razão, que os deuses ideais são representações imaginadas pelos homens, e que unicamente aos homens devem sua existência. Entretanto, Epicuro parece concebê-los como realidades independentes, que se mantêm eternamente no ser, pois sabem afastar-se do que poderia destruí-los e do que é perigoso para si. Os deuses são os amigos dos sábios, e os sábios são os amigos dos deuses. Para os sábios, o bem maior é contemplar o esplendor dos deuses”.

25 *DRN* I, 101: *Tantum religio potuit suadere malorum* – “A tão grandes males pôde a religião persuadir” (trad. Agostinho da Silva).

26 *DRN* II, 361-366: “Nem os tenros salgueiros, nem as ervas refrescadas pelo orvalho nem os rios correndo cheios de bordo a bordo podem distrair-lhe o ânimo e afastar o súbito cuidado; a vista de outros vitelos que andam pelos pastos abundantes não pode também distrair-lhe o ânimo e aliviá-la da sua dor: tanto é certo que procura alguma coisa que lhe é própria e conhecida” (trad. Agostinho da Silva).

*Non umbrae altorum nemorum, non mollia possunt* 520  
*prata mouere animum, non qui per saxa uolutus*  
*purior electro campum petit amnis; at ima*

Fazemos atentar, na comparação próxima entre Lucrécio e Virgílio, de novo citado embaixo, inicialmente para a repetição de palavras negativas nos dois contextos de escrita (*nec*, *DRN* II, 361/ *nec*, *DRN* II, 364 – *non*, por duas vezes, em *Geórgicas* III, 520 e uma em III, 521), bem como para a ideia da “rejeição” de bens rústicos – comida, sombra, água fresca... – diante da dor. Ainda, os inícios dos dois trechos são marcados por negações e imediatamente seguidos por palavras com a terminação *-ae* do nominativo plural da primeira declinação, as quais se aplicam, nos dois casos, a objetos em nexos com o mundo vegetal – “os tenros salgueiros”, *DRN*/ “as sombras dos altos bosques”, *Geórgicas* III, 520. São sempre três, por outro lado, os bens naturais inanimados que os bovinos rejeitam em um e outro poeta – além dos mencionados “salgueiros” e “sombras”, as “ervas refrescadas pelo orvalho” e os “rios correndo cheios de bordo a bordo” em Lucrécio; em Virgílio, os “prados suaves” e o “rio que, rolando pelas pedras, busca o campo mais puro do que o âmbar”. Se se tivesse de apontar uma última semelhança entre Lucrécio e Virgílio, nas passagens aqui consideradas, ela obviamente deveria corresponder à proximidade – de forma e sentido – entre as expressões *queunt... oblectare animum* (*DRN*, 362-363: “podem distrair-lhe o ânimo”) e *possunt ... prata mouere animum* (*Geórgicas* III, 520-521: “podem reanimar”); nessas expressões, enfim, há que se notar que os verbos auxiliares e os principais estão sempre separados pela interposição de algo “ao meio”, bem como a invariável recorrência ao vocábulo *animum* para referenciar a “mente”, ou o “sentimento” dos animais envolvidos em cada poema.

Abrindo pequenos parênteses para falar de um outro segmento posterior e “paralelo” da descrição da Peste Nórica em Virgílio, pois nos parece que ele tem mais vínculos com a ideia de *comportamentos* desencadeados pelo mal que com sintomas físicos, trazemos agora à sucinta discussão o trecho correspondente a *Geórgicas* III, 537-547. Tal passagem, na verdade, evoca certos *adynata*,<sup>27</sup> com a apresentação de

---

27 Virgil 2003: 256: “537-40. The effects of that terrible autumn now extended, as we were warned in 480 that they would, to the whole animal kingdom, producing phenomena which in ordinary life would be treated as prodigies, and in literature are spoken of as *adynata*; some of which in happier circumstances might even have been symptoms of a return to a golden age (*E.* 4.22 and 24, *Hor. Epod.* 16.51-2). 538-9 give the reason: *acrior*

muitas inversões naturais: assim, por causa da Peste, os lobos deixam de armar emboscadas às vítimas (v. 537-539); animais medrosos, como corças e cervos, vagam entre cães e os edifícios (v. 539-540); peixes são vistos sobre a terra e focas nos rios (não no mar – v. 541-543); passam a esconder-se e ter medo as cobras (v. 544-545); o ar “faz mal” para as aves e elas tombam mortas do alto (v. 546-547). Tais comportamentos, ressaltam os comentadores, advindos de uma crise tão terrível, ironicamente fazem semelhar-se o ambiente epidemiológico do *Noricum* à Idade Áurea da mitologia greco-latina, na qual inexistiam, por exemplo, embates entre presas e predadores ou serpentes peçonhentas.<sup>28</sup>

Para os fins de nossas presentes reflexões, importa considerar que tais estranhos comportamentos de vários tipos de animais no *Noricum* – até mesmo os selvagens, como se depreende de nossa listagem acima – têm no *DRN* lucreciano algum paralelo possível, na medida que, nos versos VI, 1215-1224, este poeta filosófico também descreve como alguns seres deixam de adotar gestos antes característicos: tal se dá com a “raça das aves e das feras” (*alituum genus atque ferarum* – v. 1216), que desiste de devorar os muitos corpos estendidos pela cidade de Atenas, tamanho o mau odor de sua putrefação; mais uma vez, com as aves e feras, estranhamente *ocultas* nos bosques pelo padecimento da mesma doença (v. 1219-1221); enfim, com os cães, antes ocupados com as próprias dores – pois também foram contagiados pela Peste! – que com remexer ou alimentar-se, em meio ao abandono geral de tudo, da abundância de cadáveres disponíveis nas vias (v. 1222-1224). Também se nota que os dois autores, nas passagens que aqui mencionamos, alargam o espectro de contágio dos respectivos males de que falam, pois o adentram, em Virgílio, até os animais selvagens e, em Lucrécio, os selvagens ou domesticados, a exemplo dos cães.

O derradeiro trecho das *Geórgicas* que desejamos incluir neste assunto localizado dos sintomas das doenças em Virgílio e Lucrécio diz respeito ao final do excurso da Peste Nórica, quando se direciona o relato para o que seriam, talvez, os extremos da crise. Na verdade, descobrimos a partir de v. 559 que esta doença não se restringe aos animais, mas pode, ainda, contagiar *humanos* sob peculiares circunstâncias:

---

*illum cura domat*, Hom. *Od.* 14.54 *epei pónos állos épeiigen*; the *maior cura* of Lucan 6.80” (comentário de R. A. B. Mynors).

28 Tal quadro de idílica convivência entre as espécies no mundo, devemos lembrar, fora esboçado por Virgílio no livro I das mesmas *Geórgicas*, em partes do trecho conhecido como aquele da “Teodiceia do trabalho” (I, 120 et seq.). Veja-se, ainda, nota acima.

*Nam neque erat coriis usus nec uiscera quisquam  
aut undis abolere potest aut uincere flamma;* 560  
*ne tondere quidem morbo inluuieque peresa  
uelleri nec telas possunt attingere putris:  
uerum etiam, inuisos si quis temptarat amictus,  
ardentes papulae atque immundus olentia sudor  
membra sequebatur, nec longo deinde moranti* 565  
*tempore contactos artus sacer ignis edebat.*<sup>29</sup>

No sentido da progressão do mal, ao longo dos versos de Virgílio, dos animais para os seres humanos, ele adota uma orientação contrária à de Lucrécio, que começara desenvolvendo tais assuntos, é óbvio, em um contexto aplicável à sintomatologia daqueles de nossa estirpe. Quanto à doença, nesta “nova” variedade, nas *Geórgicas*, consideramos de interesse notar como a Peste, aparentemente, anunciava as características com que haveria de vitimar os homens infectados já por um traço presente em uma matéria – v. 562 *telas*, “lã”, em possível tradução – passível de propiciar o contágio, pois ela é apresentada como “podre”. Ora, uma espécie de podridão é bem o que se apodera dos membros dos doentes segundo a descrição encontrada em v. 564-565, incluindo, além das pápulas inflamadas que desfiguram a pele, sobretudo um “suor imundo” e “membros fétidos”... Por outro lado, os sintomas parecem ironicamente manifestar-se com mais força do que verdadeiras *chamas*, (ou águas)<sup>30</sup> incapazes de destruir as vísceras contagiantes dos animais mortos (v. 559-560), vindo a corresponder um “fogo” (*sacer ignis*) à forma com que, implacáveis, atacam e devoram os corpos das vítimas.

Um preciso ponto de contato,<sup>31</sup> enfim, entre Lucrécio e Virgílio neste segmento derradeiro do livro III das *Geórgicas* – e do próprio episódio da Peste

---

29 *Geórgicas* III, 559-566: “Pois não havia utilidade para as peles, nem pode alguém destruir as vísceras com água ou vencer com as chamas; sequer podem tosar os velos corroídos pela doença e sujeira, nem tocar nas podres lãs; ainda, na verdade, se alguém provara os mantos odiosos, pápulas inflamadas e um suor imundo atacavam os membros fétidos, e pouco tempo depois o fogo sagrado devorava o corpo infectado”.

30 *Geórgicas* III, 560: *Aut undis abolere potest aut uincere flamma.* – “Destruir as vísceras com água ou vencer com as chamas”.

31 Vejam-se, porém, palavras complementares de Richard Thomas a esta passagem, em seu clássico comentário às *Geórgicas* (Virgil 1997: 145): “563-6: Though the terminology has been applicable to man, and though V. has drawn heavily from the Lucretian plague, whose effects were almost exclusively felt by man, he postpones the infection of human beings until

Nórica – diz respeito ao emprego da expressão *sacer ignis* pelos dois poetas: assim, além de no verso citado do poema didático de Virgílio, ela já aparecera em *DRN VI*, 660, com o sentido, conforme explicações de Richard F. Thomas, de “erisipela” em Lucrécio, mas de algo mais genérico em seu sucessor (Virgil 1997: 146).<sup>32</sup> Também é preciso lembrar que essa é a primeira vez de aparecimento da mesma expressão em *DRN*, ainda se dando, depois da ocorrência mencionada, que Lucrécio a empregue em *VI*, 1167; nas duas vezes, todavia, mantém-se o sentido médico de uma ulceração de pele – animal ou humana – do tipo “crônico, que se alastra e canceroso” (Virgil 2003: 257). A segunda menção lucreciana a este assunto, acrescentamos, não se presta, propriamente, a referenciar um sintoma da Peste de Atenas, mas se identifica com uma comparação com algo (feridas e ardores cutâneos) experimentado pelos doentes de um mal, na verdade, distinto e bem mais complexo que uma simples erisipela.

Também por isso, julgamos, Virgílio se distancia de sua fonte mesmo ao imitá-la, pois, como vimos, o *sacer ignis* vinha corresponder, segundo sua versão do relato da doença no *Noricum*, à efetiva manifestação dessa moléstia sobre os seres humanos infectados. A deliberada escolha de retardar até o fim do livro *III* a apresentação de tão desagradáveis surpresas – sendo, então, a Peste mais perigosa e maligna do que jamais se suspeitara até ali! –, os jogos de sentido com a força maior do “fogo” suscitado pela doença do que pelas efetivas chamas (ou águas) desesperadamente buscadas, um dia, para quebrar o círculo funesto do contágio e a expressiva composição deste particular término de relato – para o qual contribui, além do posicionamento em destaque, um aspecto do tipo do emprego das figuras retóricas –<sup>33</sup> são pontos atinentes, derradeiramente, aos intentos virgilianos de servir-se da escrita sobre o mal no *Noricum* ou, ainda, de *todo* do livro em que se encaixa, com vistas a dotá-la de sombrias (e contrastantes) tonalidades.

Em síntese, o relato da Peste de Atenas parece-nos assumir contornos mais pedagógicos ao fecho de *DRN VI* (e do livro *todo*), sob o viés da

---

the final lines of the book. Through contact with infected fleeces and clothing man is suddenly implicated (as, implicitly, he has been all along, through the constant approximation of beast to man). The implication of man provides a transition to Book 4, of which the first half treats the society and eventually the failure through disease of the bees, whose proximity to man is symbolic and fundamental, not merely metaphorical or on the level of suggestion”.

32 Referimo-nos, aqui, ao comentário das *Geórgicas* organizado por R. F. Thomas e publicado pela Universidade de Cambridge em 1997 (1988 para a primeira edição).

33 Considere-se, assim, a *antítese* presente entre o elemento ígneo e o líquido, que acabamos de citar na nota 30.

postura filosófica recomendada por Lucrecio diante da vida, enquanto Virgílio estabelece, sobretudo, um contraste artístico em *chiaroscuro* entre o tétrico fim do livro III de seu “poema da terra” e o destino mais “ditoso” de Aristeu ao término do quarto. Sob um exame de partes mais afim a operações intertextuais, ainda, notamos como o poeta das *Geórgicas*, sem deixar passar despercebido seu inegável débito para com Lucrecio, adapta, inverte ou dramatiza/ dota de mais emotiva expressividade o que retoma do predecessor. Portanto, sempre se destaca no cotejo entre os relatos da(s) Peste(s) em um ou outro autor não só a segura individualidade de cada qual, mas ainda o gesto de marcada “independência” criativa de Virgílio.

## Referências

- Clare, R. J. (1995), “Chiron, Melampus and Tisiphone: myth and meaning in Virgil’s Plague of Noricum”, *Hermathena*, number 158, summer 1995: 95-108.
- Commager, H. S. (1957), “Lucretius’ interpretation of the Plague”, *Harvard Studies in Classical Philology*, vol. 62: 105-118.
- Conte, G. B. (1983), “Introduzione”, in Virgilio, *Georgiche*, introduzione di Gian Biagio Conte, traduzione di Alessandro Barchiesi. Milano: Mondadori, 7-31.
- Corrêa, J. A. (2008), *Morte*. São Paulo: Globo.
- Dalzell, A. (1996), *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil, and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press.
- Epicuro; Lucrecio; Cícero; Sêneca (1988), *Antologia de textos; Da natureza; Da república; Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medeia; Apocoloquintose do divino Cláudio*, trad. Agostinho da Silva, Amador Cisneiros e Giulio Davide Leoni. São Paulo: Nova Cultural.
- Gale, M. (2003), *Lucretius and the didactic poetry*. London: Bristol Classical Press.
- Gale, M. (1996), *Myth and poetry in Lucretius*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gale M. (2000), *Virgil on the nature of things: the “Georgics”, Lucretius and the Didactic tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Grimal, P. (1992), *Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma*, trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- Hadot, P. (2010), *O que é a filosofia antiga?* Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola.
- Hadzsits, G. D. (1935), *Lucretius and his influence*. New York: Longmans, Green & Co.
- Hardie, P. (2007), “Lucretius and later Latin literature in antiquity”, in S. Gillespie; P. Hardie (ed.), *The Cambridge companion to Lucretius*. Cambridge: Cambridge University Press, 111-130.

- Harrison, E. L. (1979), "The Noric plague in Vergil's third Georgic", in F. Cairns (ed.), *Papers of the Liverpool Latin Seminar*. Liverpool: F. Cairns, vol. II, 1-65.
- Lucrèce (1984/ 1985), *De la nature*, texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Gallimard.
- Lucreti (2009), *De rerum natura*, recognouit breuique adnotatione critica instruxit Cyrillus Bailey. Oxford: Clarendon Press.
- Morgan, L. (1999), *Patterns of redemption in Virgil's "Georgics"*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Otis, B. (1997), *Virgil: a study in civilized poetry*. Norman: Oklahoma University Press.
- Perutelli, A. (2010), "O texto como professor", in Cavallo, G.; Fedelli, P.; Giardina, A. coords., *O espaço literário da Roma antiga – Vol. I: a produção do texto*, trad. Daniel Pelucci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 293-327.
- Ross Jr., D. O. (1987), *Virgil's elements: physics and poetry in the "Georgics"*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Toohy, P. (2010), *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge.
- Trevizam, M. (2009), "O estilo subjetivo virgiliano e a tradução portuguesa do mito de Orfeu nas 'Geórgicas' de António Feliciano de Castilho", *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, vol. 29, n. 41, jan.-jun. 2009: 69-88.
- Trevizam, M. (2013), "Semelhanças e diferenças entre 'Geórgicas' III e IV", in da Silva, A. C.; Lima, F. L. coords., *A linha e o corte: tensões e transformações na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental*. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 266-277.
- Virgil (1997, 4a. ed.), *Georgics: vol. 2 – books III-IV*, edited and commented by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press.
- Virgil (2003, 2a. ed.), *Georgics*, edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University Press.
- Virgile (1998), *Géorgiques*, texte traduit par E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface par Jackie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres.
- Volk, K. (2002), *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid*. Oxford: Oxford University Press.
- West, D. (2007), "Two plagues: Virgil, 'Georgics' 3.478-566 and Lucretius 6.1090-1286", in West, D.; Woodman, T. coords., *Creative imitation and Latin literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 71-88.
- Wilkinson, L. P. (1997), *The "Georgics" of Virgil: a critical survey*. Norman: Oklahoma University Press.